

A continuidade e suas minúcias: olhar atento aos detalhes na produção e na montagem

Samantha Silva dos SANTOS²

Miriam de Souza ROSSINI³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

A proposta deste artigo é discutir a importância da função da continuidade na produção audiovisual, e sua prática em meio à realidade de uma produção de baixo orçamento. A partir da experiência com o curta *O Urso na Sala* e de sua análise, este artigo dispõe-se a retratar as diferenças da teoria e da prática de um continuísta. Em busca da aplicação do conceito de Mascelli (2010), de que um filme necessita de uma perfeita continuidade para atrair ao invés de distrair, este texto discorre sobre os obstáculos para se atingir tal perfeição em uma produção de orçamento estritamente limitado. Para a efetividade da continuidade, é necessária não somente a atenção aos detalhes, mas também a integração e a sincronia entre diretor, continuísta e editores.

Palavras-chave: Audiovisual; Cinema; Baixo Orçamento; Continuidade.

Aproximação com o tema

Quando se pensa em produção audiovisual cinematográfica o que primeiramente vem à mente são as produções hollywoodianas – grandes orçamentos, grandes produções, atores renomados, equipes numerosas e reconhecimento do público e da crítica. Essas produções bastante conhecidas e reconhecidas necessitam de cuidados em todas as suas etapas de produção para que tenham a melhor qualidade possível, ainda mais com as exigências advindas dos generosos orçamentos. No entanto, os detalhes devem receber atenção não só nessas produções; qualquer material audiovisual necessita de cuidados muito específicos em relação às suas minúcias de forma a colaborar com sua coerência e unidade. E isso inclui as produções de baixo orçamento. Em seu livro *Criação de Curta-Metragem em Vídeo Digital – uma proposta para produções de baixo custo*, Alex Moletta (2009, p. 17) explica que o formato de

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Aluna do terceiro semestre do Curso de Comunicação Social - habilitação em Publicidade e Propaganda da UFRGS. E-mail: sam.samanthasantos@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social (Departamento de Comunicação) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Bolsista do CNPq. E-mail: miriam.rossini@ufrgs.br

cinema de curta-metragem “tem como principais características a precisão, a coerência, a densidade e a unidade de ação ou impressão parcial de uma experiência humana”.

Para que uma obra audiovisual seja envolvente e capte a atenção do público para o enredo e as emoções e sensações da história, a composição deve ser construída a partir de uma boa integração entre as diversas partes da equipe e através de muito empenho e dedicação. Moletta (2009) também enuncia que a relação do grupo em prol de um mesmo interesse artístico, e com disposição para instruir-se sobre as diferentes áreas da criação de um curta-metragem, é fundamental para o sucesso do projeto. Para ele, a integração em uma produção de orçamento reduzido é fundamental, pois aumenta a demanda na etapa de preparação para que a composição satisfaça as expectativas dos envolvidos.

Seguindo a proposta de Moletta (2009), a equipe responsável pela produção do curta-metragem *O Urso na Sala*⁴ teve uma coparticipação de todos os membros em diversas etapas do processo de produção do audiovisual, tanto por razões decorrentes do baixo orçamento quanto pela ideia de criar uma trama que envolvesse, antes mesmo do público, todos os seus colaboradores diretos.

Com roteiro de Júlia Canella Flor e Pâmela Oliveira Bernardo, também diretora da produção, a trama trata da realidade de um jovem, Eduardo, que recentemente tem tido problemas para realizar atividades as quais, outrora, eram comuns em seu dia a dia, como ir à aula ou sair com os amigos. A solidão torna-se constante na vida de Eduardo, no entanto ele não está realmente só, há um urso na sala. Em um mergulho em sua própria consciência, Eduardo trava uma batalha solitária para enfrentar uma doença que é silenciosa e, justamente por isso, tão perigosa. Retratada na figura do Urso, a depressão é trazida como um assunto presente e que necessita de atenção e auxílio.

Em meio à tradução do roteiro para a linguagem audiovisual, e durante o processo de produção, os estudos sobre continuidade fizeram-se presentes, até o momento em que a realidade de uma equipe diminuta e com equipamentos limitados mostrou-se presente. Com desafios relacionados à manutenção da continuidade e da melhor utilização possível dos recursos disponíveis às gravações, como, por exemplo, a quantidade de bateria acessível nas gravações de externas, a produção do curta-

⁴ Curta-metragem de nove minutos, produzido para a disciplina de Mídias Audiovisuais, do Curso de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). O filme foi realizado no segundo semestre de 2016, com supervisão da professora Miriam de Souza Rossini.

metragem exigiu de toda a equipe dedicação e atenção máximas para um bom e esperado resultado final. Do roteiro à direção, o processo envolvido possui muitos detalhes os quais o continuísta precisa muito bem conhecer e estar atento para que a produção tenha um resultado o mais próximo possível da ideia concebida pelo roteirista e conduzida pelo diretor.

Nos bastidores

Para que haja uma unidade geral no contexto de realização da obra audiovisual, cada departamento tem sua responsabilidade com relação ao seu papel na produção da composição. O roteirista com a responsabilidade de transformar em roteiro imagens sobre uma experiência humana, de forma a escrever através de imagens e não apenas com diálogos. O diretor, em sequência, com a tarefa de transformar – com planos, ângulos, cortes, etc. –, as imagens concebidas pelo roteirista no momento da escritura da *route*⁵ – um guia de ações tanto visuais como sonoras. Em paralelo ao trabalho do diretor, o diretor de fotografia é incumbido de combinar o enquadramento, a luz, a sombra e as cores adequadas a cada plano, condensando a ideia estabelecida em cada um, utilizando-se de sua estética particular e de sua observação, análise e síntese das imagens captadas em experiências anteriores. Em meio a desejos e exigências do restante da equipe, o produtor traz consigo vital importância ao projeto, sendo responsável por providenciar absolutamente todo o necessário às gravações, tendo ainda – nas produções de baixo orçamento – a soma da responsabilidade de lidar com o financeiro e a parte prática do filme, ou seja, desde contatos para obtenção do necessário para a produção, até a busca efetiva do material. E, de forma geral, os editores com a missão de selecionar as cenas gravadas e dar a elas forma final, que corresponda ao roteiro de um modo sensível, buscando emoção no corte realizado, trazendo nessa seleção mais uma criação estética ao conjunto geral da obra.

Em linhas mais gerais, são essas as divisões de função nos departamentos essenciais, propostas por Moletta (2009). Tais ofícios detêm um papel de suma importância para a boa realização da produção audiovisual. No entanto, não são somente os cargos mais conhecidos e explorados na explanação do autor os responsáveis pela boa produção de um curta, média ou longa-metragem, de uma novela ou de qualquer outra obra do universo audiovisual. Cargos não tão conhecidos, como o

⁵ Em francês, significa rota. Proveniente do latim, *via rupta*, significa estrada, caminho. Refere-se, nesse caso, à trajetória a qual o personagem percorrerá.

de diretor de arte, o chefe eletricista – hoje no Brasil ocupando mais o papel de *gaffer*⁶ - bem como o continuísta também são agentes da realização do projeto. O diretor de arte tem a responsabilidade de decidir e criar tudo no que diz respeito a cenário e a figurino; é dele tudo aquilo que será captado pela câmera: os objetos e as cores. O antigo chefe eletricista é responsável pela parte elétrica e por toda a logística dos equipamentos de luz, como refletores, por exemplo; hoje em dia, em razão de sua modificação de função, também tem o trabalho de percorrer o local de gravação com um fotômetro e um colorímetro para monitorar esses dois fatores. O continuísta, por sua vez, cuida dos detalhes de continuidade dos planos, movimentos dos atores, figurinos, cenografia e outros detalhes mais; atua, no momento das gravações, assessorando a direção e, através de suas anotações e planilhas, auxilia a equipe de edição. É, portanto, um profissional não apenas multitarefa, mas também multissetorial.

Dessa maneira, em comparação às grandes produções, a diminuição da equipe, as restrições quanto ideias de enredos, as definições de custos máximos com relação a cenário, figurino e salários trazem a equipe para a sua realidade de produção, cobrando adaptações de cada um dos membros. Os diferentes produtores que juntos somariam uma equipe com, no mínimo, oito pessoas, têm de ser reduzida, acumulando mais de uma função de produtor em um indivíduo, ou seja, mais tarefas concentradas sobre si. Roteiristas e diretores têm de, antes de criar enredos mirabolantes, avaliar as condições reais de produção para que o filme tenha qualidade, cortando, dessa forma, possíveis cenas que resultem em um custo exacerbado. Diretores de fotografia e de arte têm de basear sua expansão criativa com base nos equipamentos e figurinos e cenários que estão ao alcance. Sendo assim, as produções de baixo orçamento necessitam de uma real integração de todos os seus membros, para que a obra audiovisual tenha o melhor resultado possível nessa realidade singela que desanimaria a muitos. A partir disso mostra-se fundamental a figura do continuísta também para a economia de custos durante a gravação, evitando tomadas excessivas por conta de erros de continuidade, e auxiliando na pós-produção devido ao fato de já conhecer todo o material gravado por meio das anotações realizadas em suas planilhas. E com isso, igualmente, ganha-se tempo nesta fase final do processo.

⁶ Responsável, além da parte elétrica e de logística dos equipamentos de luz, em auxiliar o diretor de fotografia no momento da gravação. Figura importada pelo cinema brasileiro das produções norte-americanas.

3 E a unidade necessita de atenção

Seja nas grandes, médias ou pequenas produções, seja nos longas, médias ou curtas-metragens, uma boa história é capaz de captar a atenção do público e um bom enredo é capaz de fazer com que o sujeito que esteja assistindo ao filme possa identificar-se com as personagens, criando uma relação de intimidade com a narrativa. Mesmo com toda essa magia da trama, os detalhes da obra audiovisual são minúcias que podem passar despercebidas por quem assiste, mas também podem contribuir, mesmo que de forma inconsciente, na percepção do público, no desprezo ou na adoração do produto final.

A área incumbida dessa questão é conhecida como continuidade, em qualquer obra do contexto audiovisual. Mais especificamente no cinema, essa área é apresentada, de forma sucinta e objetiva, como “a coerência de todas as imagens de um filme” (MOURA, 2001, p. 199). Essa esfera da produção cinematográfica costuma ser lembrada quanto aos casos de erros, geralmente bastante grotescos como troca de figurino ou do objeto em cena. No entanto, as grandes aberrações nas sequências imagéticas não são as únicas possibilidades de divergências entre uma cena e outra. Descontinuidades mais sutis, como a de luz, podem provocar estranhamento de quem está a assistir ao filme.

Em seu livro *Os Cinco Cs da Cinematografia*, Joseph Mascelli (2010, p. 79) explica que “prefere-se um filme com continuidade perfeita, porque ele representa os acontecimentos de maneira real. Um filme com falhas de continuidade é inaceitável, pois *distrain* em vez de *atrair*”. Dessa forma, a continuidade deve ser muito bem pensada para que não se perca a atenção do público em prol de movimentos corporais não sequenciais, objetos que deixam de existir ou que entram na cena, ou cenários que abruptamente perdem ou ganham elementos. O autor também expõe que para ter uma melhor continuidade na obra audiovisual, o continuísta deve formular um plano de continuidade – uma espécie de roteiro, mental ou escrito, sobre os detalhes que cada cena necessita ter para que as sequências não se percam.

Com relação a questões mais técnicas, Mascelli (2010) explicita que as mudanças temporais, como recuos ou avanços no tempo, podem ser realizadas sem causar danos a sequência imagética da cena. Bem como na questão temporal, as mudanças espaciais também são expostas como algo possível de ser feito sem causar danos à continuidade. No entanto o autor faz ressalvas importantes a respeito das duas

questões: a primeira delas com relação à temporalidade, dizendo que a volta ao passado ou a ida ao futuro deve ser composta de forma que possa ser facilmente compreendida pelo público; e a segunda diz respeito ao espaço, momento em que o autor explica que é necessário que as pessoas estejam cientes do local em que ocorre a ação e também a *direção do movimento*, pois somente assim será possível localizar, em uma sequência lógica de imagens, o percurso realizado por um personagem ou objeto cinematográfico.

Para que a continuidade seja mais efetiva, o livro traz diferentes técnicas de filmagem. Cada uma delas possui suas vantagens e desvantagens com relação à produção, gravação e edição. Uma delas é a de Cena Máster, a qual grava com apenas uma câmera e com uma tomada contínua todo o fato retratado, o que facilita o momento da gravação; posteriormente essa cena é aproximada em determinadas partes, repetindo-as para simular um corte, o que facilita a edição, pois não é necessário agrupar diversas tomadas. Outra técnica trazida pelo autor é a de Ação Justaposta, método no qual o fotógrafo pensa a imagem em três planos consecutivos; para eficiência do processo, a ação no fim do primeiro plano é repetida no início do segundo, da mesma forma que a ação no final do segundo plano é repetida no início da terceira – traz como vantagem o fato de a cena ser dividida em partes menores, podendo haver improviso se necessário, mas essa mesma liberdade de improviso pode fazer com que se perca o controle da continuidade, havendo uma confusão de ângulos e planos de tamanhos variados, por exemplo.

Além das técnicas de filmagem, há truques de edição que auxiliam o continuísta a manter sua projeção de continuidade. Por exemplo, “planos cut-in⁷ ou cut-away⁸ permitem a remoção ou a inclusão de ações sem que o público perceba que o tempo foi comprimido ou expandido” (MASCELLI, 2010, p. 156). O que Mascelli demonstrou com isso? Como ele mesmo explicou, o público precisa ter a impressão de que vê os fatos em sua totalidade. Para que não se quebre a sequência quando há um intervalo de tempo ou uma mudança de lugar, é necessário que se empregue diversos recursos de transição. Visando a perpetuar a eficácia da continuidade, os efeitos de transição precisam ser escolhidos e aplicados de forma coerente e artisticamente em consonância com a proposta artística visual e o enredo. De forma breve, pode-se resumir os efeitos de transição entre: fade, dissolução, wipe e montagens. A primeira,

⁷ Técnica na qual o plano seguinte possui enquadramento mais fechado em uma das partes do plano presente. Continuidade direta, abrindo chances para erros.

⁸ Técnica na qual o plano seguinte não pertence e não está contida no plano presente. Não há continuidade direta.

fade, é subdividida em dois efeitos diferentes: o fade-in e o fade-out, ou seja, fade de entrada e fade de saída; é uma pequena abertura que revela a imagem, indo do preto à imagem – no fade-in – e fechando a imagem, indo da imagem ao preto – no fade-out. A segunda, dissolução, por sua vez é como se fosse o fade-out da cena que se passou simultaneamente ao fade-in da cena que sucederá – são usadas, geralmente, para suavizar mudanças de cenas, cobrir um intervalo de tempo ou uma mudança de lugar. A terceira transição, wipe, refere-se a efeitos óticos de movimento nos quais uma cena assemelha seu movimento com o de empurrar a cena posterior. No entanto, é preciso lembrar que, por muitas vezes, no momento da gravação não cabem todos esses pressupostos e, dependendo do projeto, nem todos esses conselhos podem ou serão seguidos e foi isso o que se viu na prática.

E A REALIDADE REALIZA A QUEBRA

A teoria e a prática de diversos assuntos são bastante distintas e trazem consigo determinados aspectos que deixam de existir de uma fase a outra, ou seja na aplicação prática de uma teoria. Essa realidade não é diferente com relação à continuidade, sobretudo em uma produção de baixo orçamento. Planejar a continuidade é um desafio constante que necessita de um olhar paralelo à teoria e à situação de produção. Pensar determinado artifício de edição sem que haja a possibilidade real de efetivá-lo devido às cenas que puderam ou não ser gravadas pode trazer prejuízos com relação ao próprio planejamento de continuidade, ou até mesmo alusivos à obra audiovisual finalizada.

O maior desafio relativo à continuidade do curta-metragem *O Urso na Sala* foi devido à organização espacial da qual a equipe dispunha para gravar. O local de filmagens era restrito quando comparado ao número de pessoas da equipe de produção e filmagem, aos atores e ao total de equipamentos. Além do espaço na locação, houve a complexidade com relação à sequência de gravação das cenas. Por dispormos do equipamento por tempo limitado, o planejamento teve de ser realizado fora da linearidade narrativa. Com cenas noturnas e diurnas, a sequência de gravações foi estabelecida levando em consideração a luz natural e nossas possibilidades de reproduzi-la em algum momento – no caso do ambiente noturno nas filmagens internas. Já para as cenas que seria feitas no Parque Farroupilha, foi escolhido o melhor período do dia, entre a metade da manhã e o início da tarde, para que elas fossem gravadas e que

correspondessem à atmosfera pretendida – uma atmosfera ocupado por pessoas em seus momentos de lazer – a cada ambiente. Como se não bastassem tais obstáculos, a previsão do tempo era também uma variável que poderia ajudar-nos no transcorrer das filmagens, ou atrapalhar-nos quanto ao planejamento de toda equipe.

Tais elementos fizeram com que o trabalho de continuidade tivesse desafios além do previsto. Gravar determinada cena em um dia e sua sequência em outro tornou a continuidade uma tarefa bastante complexa. Tanto os atores quanto a locação passaram por transformações neste período de transição de um dia a outro. Sinais de cansaço por parte do ator, como olheiras, tiveram de ser contornados com uma dose extra de maquiagem, enquanto a locação – também utilizada como dormitório de parte da equipe – teve de ser recomposta por meio da recapitulação das gravações já realizadas, processo esse que foi empreendido antes da gravação de cada cena sequencial às do dia anterior.

Os desafios relatados acima podem ser percebidos no curta por meio de pequenas falhas de continuidade as quais nem mesmo a edição pode ajustar. Na cena 2, há uma pequena divergência na quantidade de luz entre um plano e outro da mesma ação. Tal falha ocorreu, pois, naquele determinado momento, tentou-se simular um quarto escuro, com porta e janelas fechadas. No entanto, em um lapso perceptivo, a porta da locação foi aberta e no momento de gravação do plano fechado do telefone celular da personagem houve a desarmonia de quantidade de luz do local.

Com relação à expressividade dos atores, os maiores desafios foram cenas com cortes rápidos, as quais tinham de ser repetidas tantas vezes quanto o número de planos definidos pela diretora – devido ao fato de dispormos de apenas uma câmera de filmagem. Um exemplo é a cena 3, na qual Edu atende seu amigo Carlos à porta. Para representar o ponto de vista de cada um dos personagens, aquele que via o urso e aquele que não via o urso, houve a gravação de diferentes planos para cada uma dessas visões, tendo sido elas dotadas de inúmeras tomadas. A associação dos planos distintos e do número de tomadas de cada um deles trouxe mais um desafio à continuidade, mas nesse caso já no momento da edição. Além dessa, as cenas em que eram mostrados outros pontos de vista, que não o do personagem principal, produziam outro tipo de complexidade com relação à continuidade, pois na narrativa o único a enxergar o companheiro obscuro, o Urso, é o personagem central. Logo, na cena 5, houve a mesma relação de repetição da cena 2, porém com o desafio de repetição de ação envolvendo

três personagens: Edu, Ana e o Urso. A ação do protagonista de caminhar da festa em direção à saída foi filmada sob o olhar de sua amiga e sob o olhar da câmera, que em todos os momentos do curta traz a percepção de Edu, sempre acompanhado de seu algoz. Esse jogo de olhares precisava ser seguido de perto pela continuidade, para que os detalhes não variassem tanto a cada uma vez em que o plano era refeito.

FINALIZANDO O QUE NÃO ACABA AQUI

Em suma, as produções de baixo orçamento são contam com um envolvimento e uma atenção especial de cada membro da equipe. Apesar do pouco recurso financeiro, é preciso manter a equipe unida e atenta aos detalhes de sua função, para que o orçamento seja o único fator capaz de limitar algo na produção, jamais a falta de vontade ou de empenho. Não seria o contrário com o profissional encarregado de atender às minúcias visuais e sonoras – em parceria com a direção e a edição. Mesmo passando pelas mãos de roteiristas, produtores, diretores e tantos outros cargos nos momentos de pré-produção e produção, a obra audiovisual não finda com o desligamento da última câmera, tão pouco o trabalho do continuísta.

A integração da equipe é fundamental para que cada detalhe do filme tenha o maior nível de verossimilhança possível. A interação entre direção, continuidade e edição tem de ser o mais próximo da perfeição para que, mesmo com os choques de pensamentos do dia-a-dia, o objetivo visual e sonoro final sejam correspondentes, fazendo com que a produção resulte em um produto audiovisual realmente capaz de captar a atenção do público e dar a ele as sensações e emoções as quais ele buscou ao iniciar aquela imersão em tal ilusão que chamamos de filme. Como disse Joseph Mascelli (2010, p. 80), “os filmes criam e sustentam ilusões. A ilusão é destruída sempre que o espectador perde a atenção ou o interesse”. Ou seja, o papel do continuísta pode fazer com que o sujeito que está assistindo à produção entregue-se àquilo ou disperse totalmente sua atenção para erros ocorridos na geração da obra cinematográfica.

Dessa forma, mesmo que a magia do cinema esteja cercada pelo fenômeno phi⁹, ela não deixa de nos trazer um universo paralelo o qual apreendemos e resinificamos conforme as nossas experiências e aquelas trazidas pela obra audiovisual. A tarefa de toda a equipe é fazer com que aquela experiência seja a mais agradável possível para o público. Cada membro da equipe tem um importante papel na

⁹ Fenômeno no qual o cérebro transforma duas imagens semelhantes em apenas uma imagem em movimento.

construção de uma boa narrativa e de uma boa forma de dar vida a ela. Com o continuísta não é diferente, através de suas técnicas e interações, ele dá a diversos cortes imagéticos a lógica que o nosso cérebro necessita para transformar aquela ilusão em uma realidade paralela.

Referências bibliográficas

LUMET, Sidney. **Fazendo Filmes**. Tradução de Luiz Orlando Lemos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASCELLI, Joseph V. **Os Cinco Cs da Cinematografia**. Tradução de Janaína Marcoantônio. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. 3. ed. São Paulo: Summus, 2009.

MOURA, Edgar Peixoto de. **50 anos de luz, câmera e ação**. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

O URSO na Sala. Direção: Pâmela Oliveira Bernardo. Produção: Samantha Silva dos Santos, Georgia Gais, Bianca Kayber, Isis Bortoleti. Intérpretes: Ariel Medeiros, Gabriel Rocha, Rodrigo Burgos. Roteiro: Júlia Canella Flor e Pâmela Oliveira Bernardo. Supervisão: Miriam de Souza Rossini. Porto Alegre: Selaria Fabicana, 2016. (9 min.), Digital, son., color.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.